

As consequências do pecado nas relações sociais na perspectiva da teologia latino-americana

*The consequences of sin in social relations
in the perspective of Latin American theology*

Alexsandro Alves da Silva¹

Resumo: O pecado sempre tem sido visto e analisado na perspectiva moral, no entanto, há um contexto bastante complexo para se refletir sobre este tema, principalmente no que tange às consequências do pecado. Toda ação gera um resultado, pensar sobre o ser humano pecador é, inevitavelmente, falar sobre o fruto amargo, pesado, estragado, o qual tem machucado, empobrecido, humilhado e excluído grande parte da sociedade brasileira e latino-americana como um todo. Neste sentido, pensar sobre o pecado na perspectiva estrutural é um convite a uma compreensão mais profunda e esclarecida sobre as razões de se enfrentar uma realidade tão prejudicial em que a maior parte da sociedade tem vivido.

Palavras-chave: Pecado; Teologia; Sociedade; Estrutura.

Artigo recebido em: 16 marc. 2018

Aprovado em: 18 ago. 2018

¹ Especialização em Docência do Ensino Superior com ênfase em Educação à Distância (2016) e Especialização em Teologia do Ministério Pastoral, ambas pelo Centro Universitário Filadélfia (2017); Graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (2012). Possui licenciatura plena, habilitação para o Magistério em Filosofia pelo Programa Especial de formação - PROLIC (2015); e licenciatura plena, habilitação para o Magistério na Disciplina de Ensino Religioso pelo Programa Especial de formação - PROLIC (2015). Atualmente é Coordenador de Estágio e de TCC do Curso Teologia Ead do Centro Universitário Filadélfia. Tem 17 anos experiência na área de Teologia.

Abstract: Sin has always been seen and analyzed from a moral perspective, however, there is a rather complex context for reflecting on this issue, especially with regard to the consequences of sin. Every action produces a result, thinking about the sinful human being is inevitably speaking about the bitter, heavy, damaged fruit that has hurt, impoverished, humiliated and excluded much of Brazilian and Latin American society as a whole. In this sense, thinking about sin in the structural perspective is an invitation to a deeper and more enlightened understanding of the reasons for facing such a harmful reality in which most of society has lived.

Keywords: Sin; Theology; Society; Structure.

Introdução

O presente artigo visa refletir sobre o pecado na perspectiva de suas consequências sociais em contraste da concepção tradicionalmente utilizada pelas teologias evangélicas. Neste estudo a proposta é promover condições para um diagnóstico do grande estrago que o pecado estrutural traz ao ser humano.

Para isso será compartilhado uma pequena pesquisa realizada em algumas Igrejas Evangélicas com objetivo de extrair de seus membros algumas ideias sobre a definição e a influência das atitudes pecaminosas nas relações sociais.

Tal pesquisa não visa explorar de forma profunda em seus percentuais, mas servirá apenas para dar suporte a algumas descobertas adquiridas por meio de consultas bibliográficas, para que assim se abra uma discussão sobre o pecado que permeia as estruturas de poder que promove morte na criação de Deus ao invés que promover e ajudar na manutenção da vida.

1. Definindo pecado na teologia latino-americana

Entendemos que seja importante antes de se iniciar qualquer discussão acerca deste tema, definir como a teologia Latino-Americana entende pecado e suas consequências. Quando a humanidade erra o alvo da devoção, do amor e da solidariedade, ela passa a trilhar um caminho de pecado. Este pecado pode ser identificado pela opressão e a miséria, atingindo brutalmente as

grandes massas pobres. Tal situação, marcada pela injusta, é vista como uma “situação de pecado”².

Neste sentido, o teólogo argentino Lúcio Gera, encara o pecado como a atitude que subverte as relações reais entre os homens, fazendo com que alguns impeçam os outros de chegarem a ter condições básicas de sobrevivência. Pecado vem a ser, então, uma atitude fundamental de injustiça que se encarna na pessoa como resultado da condição real da vida injusta estruturada na sociedade, então diz:

...em primeiro lugar, eu impeço o outro pela forma em que um homem instaura a relação econômica, a relação do 'ter'... Nesta relação posso destruir-me a mim mesmo, ou então destruo o homem e o homem que está em mim; destruo o homem que está nos outros, quando o impeço de ter casa, alimento, vestuário, isto é, o humanamente necessário... Uma sociedade justa não é aquela em que há só uma distribuição equitativa dos bens; uma sociedade justa é sobretudo aquela em que existe participação no poder de decisão sobre a convivência política, sobre a maneira de organizar a comunidade política, sobre o destino a dar-se a esta comunidade política³.

Com isso, entendemos que tais estruturas devem ser denunciadas como condições desumanas que não remetem para uma fatalidade, nem para a má vontade das vítimas, pelo contrário, são condições impostas, que conduzem ao desespero e à morte, e que, à luz da fé, devem ser denunciadas como pecaminosas, pelo fato de sabermos que o pecado conduz à morte, não somente interior, como também física, ou seja, real e objetiva.

Com isso, portanto, a intenção deste estudo não é abordar a questão fundamental do mal, pois não se deseja tratar de teodicéia (origem do mal), mas diretamente das consequências do pecado nas relações sociais. Este assunto serve apenas para se repensar sobre uma má interpretação do assunto, porque através dela podemos entender que o homem não é somente um brinquedo nas mãos de um demônio tentador, reduzindo o seu papel diante do mal quase ao

² HIGUET, Etienne. O tema da conversão na teologia da libertação: renovação e aprofundamento. São Bernado do Campo, Ed. Metodista, In: *Estudos de Religião* n. 2 8, 1989, p.89.

³ GOTAY, Samuel S. O Pensamento Cristão Revolucionário na América Latina e no Caribe. São Paulo: Paulinas, 1985, p.94.

aderir ou não as tentações a ele infringidas, mas, o próprio ser humano também é diretamente por ele responsável.

Por isso, entendemos que a cada pecado a personificação do mal se torna mais visível. Então, esse mal ganha a característica de amor descontrolado pelo eu-próprio, gerando como produto final o conflito nas relações sociais. A partir de então nasce a desigualdade humana, pelo fato de que ele não consegue enxergar seus semelhantes como iguais, se não, como alvo de exploração para o seu bem estar⁴.

As omissões têm, por sua vez, contribuído grandemente para que se perpetuem tais condições pecaminosas. Logo, com o nosso silêncio, nossa inércia e nosso conformismo, nos tornamos participantes e mantenedores deste sistema. “Ignorar é uma forma de assumir!”⁵.

2. Contraste entre a Concepção de Pecado para as Igrejas Evangélicas e a Teologia Latino-Americana

Há diversas concepções no mundo cristão evangélico sobre pecado e sua manifestação, o que de forma geral é pode-se dizer que seja um tanto quanto superficial. Um dos fatores que contribuíram para que a definição de pecado, nas igrejas evangélicas, seja desta forma e se mostre tão subjetivo foi, em certo sentido, o próprio entendimento herdado dos nossos fundadores evangélico, os quais trouxeram consigo uma concepção muito teórica de um mal muito prático, o qual é sentido a todo instantes nas relações éticas e morais em nossa pátria.

Durante o desenrolar de nossa história muitos debates foram travados a respeito dos mais diversos assuntos, dando origem a vários movimentos. Dentre os mais famosos encontramos dois, o Pietismo alemão e o Puritanismo inglês.

Tais movimentos tiveram, sem dúvidas, o seu valor e muitas coisas contribuíram positivamente para a nossa formação doutrinária, mas é preciso lembrar que de forma direta, também, afetaram nossa maneira de enxergar a realidade vivida na América Latina. Pois a motivação e estruturação desses movimentos em seus contextos, ou seja, a Pietismo, que nasceu em contraposição a Ortodoxia, defendo que a teologia deveria ser propriedade da igreja,

⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: vozes, 1979, p.36.

⁵ MOSER, Antônio. *O pecado - do descrédito ao aprofundamento*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.251.

mesma sendo vista como ciência. O que isto significou? Significou que a experiências com o transcendente deveria preceder e fundamentar as doutrinas. A Experiência pessoal sempre é ressaltada como fundamento da certeza, ou seja, todo fenômeno espiritual tem que obrigatoriamente passar por uma experiência interior e individual. Estes eram tidos por religiosos empíricos, munidos de moralidade na conduta religiosa.

Por exemplo: alguém só poderia chegar a ser justificada do seu pecado caso viesse a sentir de alguma forma que isto havia ocorrido nela. Portanto, ela ganha em seu desenvolvimento certas marcas, como o platonismo e moralismo. Neste sentido irá caminhar também o Puritanismo.

Este movimento desenvolveu-se com maior abrangência quando os membros deste segmento assumiram o poder político na Inglaterra, também foi determinante na formação do pensamento evangélico, principalmente presbiteriano. Este movimento originou-se na Escócia, e desenvolveu-se na Inglaterra quando a liderança do parlamento, no período de 1643-1649, foi tomada pelos puritanos. A forma de pensamento deste grupo os fazia, através da religião, supostos modeladores do caráter moral do povo. Por isso, após a realização da Assembleia de Westminster, foram aprovadas leis que exigiam alto padrão moral de cada indivíduo. Motivados por este objetivo, terminaram com todo tipo "profano" de diversão, fechando teatros, proibindo determinadas práticas de esporte e festividades populares⁶. Estes movimentos repercutem até hoje na formulação teológica evangélica, contribuindo para uma concepção, neste caso, de pecado, muito aquém da nossa realidade, pois conceitos subjetivos não estão habilitados para oferecer respostas à nossa situação. O que o povo latino-americano tem sentido sobre seus ombros, ultrapassa as manifestações moralistas, pelo fato de verdadeiramente oprimir, excluir e matar nosso povo.

Isso pode ser visto de maneira prática através de uma pesquisa de campo realizada em determinadas igrejas protestantes de tradição reformada, onde fizemos as seguintes perguntas:

- Como você define o pecado?;
- O que significa estar em pecado?;
- Quais as consequências do pecado para o homem em seu relacionamento com seus semelhantes?

As respostas que obtidas foram: para a primeira pergunta, de forma geral, responderam que pecado é desobedecer a Deus ou mais especificamente seus mandamentos; para segunda questão tivemos

⁶⁶ NICHOLS, 2013, p.207-209

as mais variadas respostas, dentre as quais algumas nos chamam mais atenção, como: viver o velho homem; tristeza, frustração e angústia; estar em domínio do mal; tratar com menosprezo as coisas de Deus; estar em pecado é o estado de alma, em que a pessoa se sente mais afastada de Deus. E por último, ou seja, as consequências voltadas às relações humanas; as respostas foram:

- Meu pecado não tem nada a ver com pessoa nenhuma, mas somente comigo:
- Porque é meu eu;
- Tristeza, egoísmo, insensibilidade e discórdia;
- Falta de comunhão;
- Você pode estar sendo uma pedra de tropeço, e assim estar desviando seu semelhante dos caminhos do Senhor;
- Não sei..., ódio, orgulho, espírito contencioso, ira, perguntas insensatas; as pessoas vão deixar ele de lado e ele não vai para o céu.

O que estas respostas nos revelam, é o grau de entendimento que os membros destas determinadas igrejas protestantes tem a respeito do pecado. O que, em outras palavras, podemos ver quão subjetivo são as definições e análise sobre o assunto, mostrando uma certa fragilidade argumentativa no que diz respeito a nossa realidade latina, brasileira, onde há tantos pobres, oprimidos e marginalizados.

Na teologia Latino-Americana, o pecado é sempre visto de forma objetiva, em sua definição, e manifestado principalmente nas estruturas. O pecado, na perspectiva de Gotay, é ao mesmo tempo a arma de sedução, e a consumação do fato da queda pela sedução, pois as ideologias correntes nos tentam através de suas facilidades. Caso cairmos em sua sedução, tornamo-nos praticantes do pecado (pecadores), porque tais ideologias nos colocam numa posição contrária ao princípio divino, escolhendo a morte ao invés da vida⁷.

Portanto, pecar e ser pecador, é viver de forma tal que cada atitude produza a morte da criação de Deus, de forma mais específica, a morte do ser humano, criado a imagem de Deus.

Portanto, ao refletir sobre os movimentos evangélicos brasileiros, por exemplo, não estamos de forma alguma afirmando que estes movimentos não tenham seu valor, mas a sua forma de ver e analisar as questões teológicas, dando ênfase principalmente a experiência sentimental-mística, e a associação entre pecado e as

⁷ GOTAY, 1985, p.94

atividades populares/culturais, tem, para o nosso contexto, muitas vezes impedido uma reflexão mais consistente e relevante para nosso contexto.

Quando relaciona-se o pecado a questões tão somente individualistas, atribuindo apenas ao meu relacionamento com Deus, desmerecendo as implicações ao nível horizontal, ou seja, o que o pecado individual causa ao próximo por meio de atitudes, estamos assumindo uma atitude muito platônica para o pecado. Ou quando pecado é visto somente na perspectiva do vício e atividades sócio culturais, sem levar em conta outras posturas que atinjam o próximo nocivamente, como a corrupção e as injustiças sociais como um todo.

A teologia latino-americana aponta, além dos pecados litúrgicos, também os pecados sociais evidenciados por meio dos problemas sociais, econômicos e políticos, pecados cometidos por aqueles que fazem uso do seu poder de compra, do seu “capital” para manipular e explorar aqueles que nada tem, não levando em consideração o direito ou dignidade do ser humano, apenas o que é de interesse pessoal das classes mais abastadas.

A partir dessa perspectiva pode-se enxergar a existência do pecado estrutural, através do qual se dá a destruição das vidas humanas. Porém, se faz necessário dizer que o pecado está nos mantenedores deste contexto social, que se entregam às estruturas de poder e se usufruem suas facilidades.

O chamado pecado estrutural, se dá da seguinte forma: quem atinge o ser humano, atinge algo transcendente, o qual chamamos de Deus. Assim origina-se o pecado na perspectiva social, pois pecado se caracteriza por ofensa a Deus, independentemente se no nível vertical ou horizontal, logo a agressão ao outro se torna pecado, porque atinge o transcendente, Deus, foi o que aconteceu no caso de Caim e Abel, por exemplo.

É importante entender que as estruturas em si não roubam, não oprimem nem matam, pois na verdade elas são instrumento ou agentes nas mãos daqueles que as usam para tal finalidade. Por exemplo, é o caso das leis injustas, feitas de acordo com o interesse dos legisladores, e contra os outros; é o caso das férreas leis de mercado, que agem sem dó e sem piedade. Portanto, tais estruturas somente meios, mecanismos que agilizam as mais diversas formas de pecado. Diz Etienne Higuét:

O pecado não constitui uma situação global decadente e um projeto histórico pervertido que invade todas as esferas da realidade humana. Ele assume formas estruturais que permanecem

através de gerações sob a forma de instituições injustas, discriminações e mecanismos de opressão de classes dominantes sobre as massas. Portanto o pecado é visto como a raiz de toda injustiça e exploração⁸.

3. As injustiças sociais como consequência do pecado

Numa análise sobre a origem da pobreza, segundo Gutiérrez, existe porque há pessoas vítimas de outras. Então, pode-se entender que este contexto é consequência de uma concepção humana distorcida a respeito de si, a qual impede de respeitar o outro, pois vê nele apenas um "objeto", uma "coisa" que está a seu dispor para uso. É o ser humano entendendo a si mesmo como uma totalidade, alguém com fim em si mesmo.

Por causa desta distorcida compreensão, nasce, por exemplo, o mau uso da política. Ela se torna apenas uma estrutura manipulada para o bem estar de quem a tem em seu poder, propiciando, por isso, uma realidade de miséria, condições precárias de vida e de saúde, analfabetismo. Portanto, não está se falando de uma fatalidade histórica, porque todas as vezes que nos deparamos com esta situação de miséria como consequência da injustiça e violação dos direitos humanos, é designada a situação de pecado.

A exclusão social, por sua vez, é um outro fato que se tem que conviver todos os dias. As pessoas idosas, os deficientes e os inadaptados sociais, grupo heterogêneo em que encontram jovens em dificuldade, pais sós, incapazes de acorrer às necessidades familiares, isolados, suicidas, drogados, alcoólatras, e por que não dizer dos hemofílicos, prostitutas e aidéticos, são alguns casos que se encontrar neste contexto. O desemprego por sua vez causa outra categoria de excluídos. O excluído seria, pois, aquele que é rejeitado para fora dos espaços, dos mercados materiais e/ou simbólicos.

Diz M. Xiberras, que:

A pobreza, aqui, é vista como alguém que está sendo incapacitado por outrem de obter condições básicas de sobrevivência, principalmente econômica, a qual gera-lhe vida sem dignidade. O processo da exclusão reside na rejeição social, ou seja, onde o Homo Economicus convém participar na troca material e simbólica generalizada. Todos

⁸ HIGUET, 1989, p.37.

aqueles que recusam ou são incapazes de participar no mercado serão logo percebidos como excluídos. A pobreza significa a incapacidade de participar no mercado de consumo; o desemprego sublinha a incapacidade de participar no mercado da produção⁹.

O que estes pontos têm em comum, nestas múltiplas formas de exclusão, parece residir na ruptura dos laços que elas acarretam, no sentido mediato ou em longo prazo. Pois a exclusão acontece por causa da ruptura de uma esfera social para com um determinado indivíduo ou grupo, tais laços, quando rompidos, representam o fim do que tinham em comum com este indivíduo ou grupo em relação aos demais membros desta esfera social.

Temos que considerar, neste processo, o Liberalismo Econômico, que segundo Renê Dumont, é o fator que contribui, para tal situação é o "liberalismo" causado pela democracia, pois abre caminho para uma declarada opressão e o descabro econômico dos países subjugados do Terceiro Mundo. Tal opressão se faz declarada através da competitividade desigual, a que temos que nos submeter, pois, a tecnologia pertence ao Primeiro Mundo, isso significa poder. Tudo isso leva a um contexto de miséria, a qual favorece muito mais as ditaduras deles sobre nós, dificultando ainda mais o respeito pelos direitos da humanidade¹⁰.

Devido esta forma estrutural, surge à chamada "nova escravatura", também nas terras brasileiras. Mas o que ela é? É a falta de verdadeira liberdade, pois, não há possibilidade de escolha, visto ter sido esta interdita pela pobreza.

Renê Dumont, conta que um missionário canadense lhe relatava, em 1980, que nunca poderia compreender o contexto social do Brasil se ignorasse que a escravatura, abolida por lei no século passado, nunca tinha deixado de existir. A partir disto, ele chega a seguinte conclusão: O Liberalismo (econômico) é definido como doutrina que dá origem a uma ordem natural para os fenômenos econômicos, os quais tende o equilíbrio pelo "livre jogo" da concorrência e da não-intervenção do Estado (Dicionário Auréio de Língua Portuguesa, p.1028)

Portanto, a consequência do pecado está no fato de muitos membros da sociedade latino-americana ser gente apenas em essência, pois no dia-a-dia lhes é negado esse direito de existirem

⁹ XIBERRAS, Martine. As teorias da Exclusão - para uma construção do imaginário do desvio. Lisboa/Portugal: instituto Peaget, 1993. p.22.

¹⁰ DUMONT, Renê. Miséria e desemprego - liberalismo ou democracia? Instituto Piaget: Lisboa/Portugal, 1997, p.45.

enquanto indivíduos, membros de uma sociedade, porque lhes dignidade é tirada. Não que não possa manifestá-la (a dignidade), mas ao fazerem são assassinados; não é que passem naturalmente fome, mas sistematicamente lhes deixam morrer de fome (quando as condições básicas para um emprego digno lhes são tiradas); não que sejam pobres, porém a sociedade os mantenham na pobreza; não é que não queiram construir sua história e seu futuro, sim que o direito de seu povo e de sua vida é decidido fora de suas fronteiras.

Neste sentido o pecado acontece por meio das estruturas, é estrutural, devido criar condições para que a morte dos menos favorecidos aconteça, mascarando os que criam as leis de morte em nome do "bem-estar social" do indivíduo (a minoria). Que, por fim, redunde no monopólio exclusivista, onde somente alguns indivíduos têm o direito de determinar o que irá acontecer com o restante do grupo, fazendo-nos lembrar as castas medievais, pois os que nascem plebeu sempre haverá de ser, e os de nascimento nobre sempre há de determinar as ordens e o futuro de todos. Ocorrendo o inverso daquilo que L. Gera afirma ser uma sociedade justa, ou seja, lugar onde sempre existe participação no poder de decidir em todos os âmbitos da sociedade, quer seja política e organizacional. Em suma, ter o direito de exercer cidadania!

Conclusão

A partir das informações alcançadas podemos definir que o pecado, "errar o alvo", deve ser visto na perspectiva das falhas quanto a vontade de Deus, as quais, quando inseridas no contexto das relações sociais, implicam em várias "rupturas".

Por isso, um estudo sobre o pecado jamais pode deixar de evidenciar seu contexto social, pois é aí, que as mais variadas formas de pecado acontecem. Logo as várias crises tanto econômica como política ligação direta com esta condição de pecado que se alastra por toda sociedade por meio de cada indivíduo, onde tal resultado redunde em miséria, fome, exclusão e morte. E por que isso tem ocorrido? Porque a ganância tem tomado conta dos corações, levando determinados indivíduos se juntarem em planos diabólicos, criando estruturas de poder carregado de corrupção que objetivam somente matar, roubar e destruir o ser humano, quer seja no que tange sua dignidade, ou mesmo levá-lo à morte em sentido literal.

De que forma isso acontece? Acontece como bem define Alberto Flores, à saber:

não que os pobres e excluídos não possam manifestar seu direito de dignidade, mas ao

fazerem são assassinados; não é que passem naturalmente fome, mas sistematicamente lhes deixam morrer de fome (quando as condições básicas para um emprego digno lhes são tiradas); não que sejam simplesmente pobres ou excluídos, porém estas determinadas estruturas os mantêm na pobreza e na exclusão; não é que não queiram construir sua história e seu futuro, sim que o direito de seu povo e de sua vida é decidido fora de suas fronteiras¹¹

Por isso que a igreja precisa se posicionar diante desta situação de pecado e mostrar ao mundo que jaz no maligno, que somos terminantemente contra tudo que se opõe a vontade de Deus para humanidade, e que por isso somos contra essa situação de pecado que traz ao mundo a desigualdade social.

É preciso hastear a bandeira da justiça de Deus que não compactua com a corrupção, com a fome e o sofrimento dos mais carente. É hora da restauração da voz profética, o que implica em denunciar o pecado social, para que também tenha condições de anunciar a salvação divina as vítimas destes pecados.

Chegou o momento da igreja se posicionar, e sua decisão determinará também se ela quer estar na vontade do seu Senhor, que se posiciona ao lado paz, do amor e da justiça, ou se tomará parte junto às estruturas de morte que governam este mundo!

Referências

ADRIANO, José Filho. In: *RIBLA - A Carta de Tiago*, n2 31. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus - contra os pagãos*. São Paulo: Paulinas, 1990

ANDRADE, Paulo F. C. *Fé e Eficácia*. São Paulo: Loyola, 1991

ARCHER, Gleason L. *Discionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000

AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo:Aste, 1965

BARTH, Karl. *Dádiva e Louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 1996

¹¹ FLORES, Alberto V. *Antropologia da libertação latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1991, p.62.

- BÍBLIA, *tradução feita mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica), pelo centro bíblico católico; 1122 edição, revista por Frei João José Pedreira de Castro, 1997*
- BRAATEN, Cari & JONSON, Robert. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, Vol. 1, 1997
- CALVINO, Juan. *Institución de Ia ReIiion Cristiana*. Buenos Aires: Nova Criacion, 1967
- CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento, numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996
- COENEN, Loth ar & BROWN, COLIN. *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000
- COMBLIN, José. *Antropologia Cristã*. Petrópolis, Vozes, 1985
- CORDERO, Maximiliano Garcia. XVII Semana bíblica EspaFola, teologia bíblica sobre el pecado. Madrid; Consejo Superior de investigaciones Cientificas, 1959
- CROSSAN, John Dominic. *Quem matou Jesus? - as raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995
- DUMONT, René. *Miséria e desemprego - liberalismo ou democracia?* Instituto Piaget: Lisboa/Portugal, 1997
- DUSSEL, Enrique D. *Caminhos de Libertação Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984
- EPSZTE , Léo. *A Justiça Social no Antigo Oriente Médio e o Povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. 22 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- FLORES, Alberto V. *Antropologia da libertação latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1991
- GARDNER, E.C. *Fé Bíblica e Ética Social*. São Paulo: Aste, 1991
- GOTAY, Samuel S. *O Pensamento Cristão Revolucionário na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 1985
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: vozes, 1979
- HÂGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 32 Ed. São Paulo: Concórdia, 1986

HIGUET, Etienne. *O tema da conversão na teologia da libertação: renovação e aprofundamento*. São Bernado do Campo, Ed. Metodista, In: Estudos de Religião n2 8, 1989

IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983

JENNI, Westermman. *Diccionario Teológico Manual Del Antiguo Testamento*. Madrid:EdicionesCristiandad; Tomo 1, 1978

LACY, J. M. Abrego de. *Introdução à Bíbliaca, os llvros proféticos*. São Paulo: Ave Mari Vol. IV, 1998

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, Vol. II, 1989

MILLARÉ, Erickson J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: vida Nova, 1997

MÍNGUEZ, Néstor O. In: *RIBLA - A Carta de Tiago*, n2 31. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998

MONDIN, Batista. *Antropologia teológica - história, problemas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1979

MONTMANN, Jürgen. *La justicia crea futuro*. Santander: Sal Terrae, 1988

MOSER, Antônio. *O pecado - do descrédito ao aprofundamento*. Petrópolis: Vozes, 1996

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. 14^a Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013

RAHNER, Karl et alil. *Sacramentum Mundi - Enciclopédia teológica*, tomo quinto. Barcelona:Herder, 1985

XIBERRAS, Martine. *As teorias da Exclusão - para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa/Portugal: instituto Peaget, 1993